

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

WOYZECK

DE GEORG BÜCHNER ENCENAÇÃO MARIA JOÃO VICENTE



ESPETÁCULO DOS ALUNOS FINALISTAS
DA LICENCIATURA EM TEATRO
DA ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

WOYZECK, ENTRE O SIM E O NÃO.

(...)só por causa daquele tracinho de união entre o sim e o não, o sim... e o não, meu capitão. Sim e não? É o não que tem culpa do sim, ou o sim que tem culpa do não? Vou pensar nisto.

(Woyzeck, cena 14)

Woyzeck é um homem pobre, iletrado, explorado pelos outros e sensível. Este homem, que tenta desesperadamente ser um homem bom, ouve vozes estranhas, tem visões e sente-se perseguido. Woyzeck luta consigo próprio, luta contra si próprio. Enredado numa teia de impossibilidades, sociais e da sua própria natureza, Woyzeck é um homem acochado, que perde progressivamente a relação com a realidade, acabando por matar a mulher que ama. A obra inspira-se em factos reais, sobretudo no caso de Johann Christian Woyzeck, desempregado, ex-peruqueiro e ex-soldado, que esfaqueia até à morte a sua amante. O homónimo do anti-herói da peça de Georg Büchner, foi decapitado publicamente, perante uma audiência numerosa, depois de um longo processo judicial, que incluiu diversos exames psicológicos, para determinar se poderia, ou não, ser considerado inimputável. É precisamente nesta dúvida, nesta hesitação, que Büchner centra o seu drama: será Woyzeck um louco ou um visionário? A peça, inacabada e descontínua, reconstruída diversas vezes ao longo da história do teatro ocidental, a partir dos quatro manuscritos que chegaram até nós, aprofunda e adensa esta questão fundamental. Teremos nós a capacidade de controlar todas as nossas ações e, portanto, sermos responsáveis por elas, ou seremos conduzidos, e condicionados,

a agir por impulsos internos e contextos exteriores como a desigualdade, a exploração e a pobreza? Esta obra, começada a escrever em 1836, não foi concluída, devido à morte prematura de Büchner, mantém-se profundamente atual, quer pelos temas que explora, quer pela estrutura, descontínua e fragmentária, que antecipa a modernidade. Num momento em que as guerras, a desigualdade, a violência, a fome e a pobreza nos assombram, em que o consumo já não nos serve de consolo, visitar Büchner e o seu *Woyzeck*, constitui, também, uma meditação cénica e ética sobre o lugar da cena – um território liminar e de liberdade.

A escolha da peça inacabada de Büchner, *Woyzeck*, como ponto de partida para a construção do exercício/espetáculo deste grupo de alunas e alunos do 3º ano do curso de teatro dos ramos de atores e de produção, assenta em dois aspetos essenciais, a sua estrutura descontínua e fragmentada e as questões da existência humana, filosóficas e políticas, que levanta.

Por um lado, a forma inacabada do texto, permite-nos optar por organizações cénicas que favoreçam o trabalho dos atores, na construção de cenas/unidades autónomas que lhes possibilitam diferentes abordagens

práticas, por outro lado, levanta alguns problemas do domínio da ética, da relação com o mundo em que vivemos, e em que queremos viver, e da nossa capacidade de equacionar outras possibilidades de sermos, uns com os outros. Assim, todos os atores são Woyzeck, a personagem central, o anti-herói, deste projeto dramatúrgico, bem como outras personagens que povoam o universo desta obra, por vezes estranhas, desconcertantes e até grotescas. Para além da diversidade de registos de interpretação que os atores podem experimentar, a dimensão onírica e imagética que a voz e o corpo de Woyzeck anunciam, permitem responder a desafios cénicos que consideramos pertinentes neste momento do percurso dos jovens atores. O texto de Büchner abarca uma miríade de discursos que nos permitem pôr em causa a ordem estabelecida, a certeza científica, os dogmas religiosos, a superioridade do saber académico e a política, sem complacência ou moralismo. A linha ténue “entre o sim e o não”, referida por Woyzeck, será decisiva nas opções futuras

destes atores e na possibilidade de repensarem a cena como lugar privilegiado de ação e de reinvenção do mundo. A nossa versão cénica, que parte da tradução de João Barrento para o TNSJ, está dividida em trinta e três cenas e uns quantos interlúdios, pontuados por excertos da música de Alban Berg, que procuram não só estabelecer uma relação entre os diversos momentos, mas também desenhar um discurso paralelo, mais obscuro, e por vezes hesitante, na relação com o texto de Büchner. Vivemos assombrados pelo tempo, pela memória e pela nossa incapacidade de compreender e acolher as adversidades, e as epifanias, da vida, num corpo abissal que nos move e, paradoxalmente, nos paralisa e desamparados, sem Deus, talvez, talvez nos possamos reencontrar no teatro. Dentro do teatro, num buraco oco e profundo, tentamos desesperadamente lavar as nossas mãos manchadas de sangue.

Maria João Vicente



WOYZECK OU A CRIATURA COMO DEUS A CRIOU

«O discurso do homem no século XX assenta em premissas que têm que ver com uma antropologia do aleijado (...) [que] passa espontaneamente a uma antropologia do desafio. Nesta última, o homem aparece como animal que tem de avançar porque é/está obstruído por qualquer coisa» - diz Peter Sloterdijk em *Tens de Mudar de Vida* (Lisboa: Relógio D'Água, 2018, p. 59), tomando como exemplo a vida de Carl Hermann Unthan (1848-1929) que, tendo nascido sem braços, executava com os pés uma diversidade de tarefas quotidianas e artísticas, entre as quais, tocar violino, atividade que o viria a tornar famoso. Este animal que avança, que Nietzsche proclama numa composição muito mais atlética e saudável, emerge da consciência de duas descobertas que marcam o século XIX: a revelação da morte de Deus e da consequente orfandade humana e a compreensão da natureza como único dado inalienável do homem que, assim, passa a ter uma dificuldade extraordinária para se distinguir de todas as outras criaturas.

Georg Büchner, que morre em 1837, com apenas 23 anos, antecipa esta consciência existencial, e centra-se particularmente no tom lúgubre e absurdo do mistério daquilo que obstrói o homem. Diz *Woyzeck* na sua alucinação lúcida, ecoando Hamlet: «Tudo quieto, paralisado, escuro. E por trás disso, o que há? Qualquer coisa que nós não entendemos... Oco, parado, para nos deixar doidos, mas eu já sei o que é. Tenho de ir!» Assim, esta determinação regista, por um lado, o paradoxo entre a inevitabilidade do movimento e a inconsequência do avançar - avançar para onde? porquê? com quem? - e, por outro, as catástrofes previsíveis quando, abdicando de avançarmos por nós, nos deixamos conduzir pelas vozes dos outros, convocando-nos para a sua marcha insana e embriagada.

Woyzeck, peça inacabada que se inspira vagamente na história verdadeira de um tal Johann Christian Woyzeck, decapitado em

Leipzig, na sequência do assassinato, por ciúmes, da sua companheira Christiane Woost, em 1821, apresenta-nos este herói que não para porque pressente «qualquer coisa atrás de mim, aqui por baixo» e porque se recusa «a descer a rua devagar, devagarinho, como deve ser», como o aconselha o Capitão. Efetivamente a existência psicadélica de *Woyzeck* parece jogar-se entre a iminência da morte, esta coisa constante atrás de nós, e a placidez ética do comportamento sancionado por uma sociedade burguesa, numa coreografia de pragmatismo individual, o chamado desenrascanço, hipocrisia coletiva, embriaguez ideológica, hedonismo rasca e sádico, nostalgia romântica e charlatanice científica. Felizmente, Büchner não idealiza, em *Woyzeck*, a independência do anti-herói romântico que o resgata do abismo existencial, moral e psíquico e metamorfoseia as suas ações e alucinações auditivas e visuais em poesia. Não, e isto só o torna mais homem, mais poeta, mais filósofo, assassino e suicida. Não admira, por isso, a identificação, nesta personagem ambígua, da própria condição humana, depois do desaparecimento das âncoras fundamentais da sua existência - Deus e a centralidade do Eu. Não surpreende também que, do ponto de vista formal e estético, *Woyzeck* seja vista como uma obra precursora das experiências surrealista, expressionista e do teatro do absurdo e, pelo seu caráter inacabado, fragmentário e não definitivo - com versões distintas para as mesmas cenas, nomes diferentes para as mesmas personagens e um fluxo descontínuo de ações - um lugar dramático emblemático e privilegiado pelo paradigma pós-dramático.

A versão cénica que apresentamos compromete-nos com uma ordem que é sobretudo um percurso dramático que se manifesta teatralmente, isto é, enquanto objeto sensível apreendido pelos sentidos, estético, portanto. O vislumbre de uma história, a nossa maneira comum de organizarmos a nossa vida, não ilude o abismo da interioridade humana como lugar da ilusão da própria existência, onde coexistem o espaço e o tempo, o eu e os outros, a realidade exterior e a fantasmagoria, a memória e o esquecimento, o impulso criminoso e a virtude, o silêncio e o ruído circense. Movermo-nos nesse espaço oco e tão cheio é a nossa condição.

David Antunes



SALA CARMEN DOLORES
1 E 2 JUL
SEX E SÁB 21:00

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Texto **Georg Büchner**

Tradução **João Barrento**

Direção do projeto, encenação e concepção plástica **Maria João Vicente**

Assistência de encenação e direção de cena **Sofia Ramos** (ramo de produção)

Interpretação **Andreia Silva, Catarina Barbosa, Diogo Campos, Filipe Pinto D'Oliveira, Francisco Pires, Mariana do Ó, Meli Torella e Sofia Hora Marques** (ramo de atores)

Desenho de luz **Miguel Cruz**

Operação de luz **Gonçalo Monteiro** (ramo de produção – 1º ano)

Operação de som **Raquel Caetano** (ramo de produção – 1º ano)

Produção e fotografia **Ana Miffon** (ramo de produção)

Equipa Pedagógica ESTC

Interpretação **Maria João Vicente**

Produção **Conceição Mendes, João Belo e Miguel Cruz**

Apoio voz **João Henriques e Sara Belo**

Apoio encenação **Jean Paul Bucchieri**

Apoio cenografia **José Espada**

Gabinete de produção **ESTC Rui Girão e Rute Reis**

Gabinete de comunicação **ESTC João Meirinhos**

Agradecimentos **António Azevedo Gomes, António Neves da Silva, David Antunes, Fernando Alvarez, Flor Faria, Jet Vos, João Calixto, João Barrento, Maria da Luz do Ó, Miguel Mendes, Nuno Cardoso, Sérgio Loureiro, Stéphane Alberto e Teatro Experimental de Cascais**



DISTRIBUIÇÃO DO ELENCO POR CENAS

CENA 1

Woyzeck – Diogo Campos

André – Francisco Pires

CENA 2

Maria – Meli Torella Margarida

Catarina Barbosa Woyzeck – Diogo Campos

CENA 3

Velho – Francisco Pires

Woyzeck – Filipe Pires

Charlatão – Mariana do Ó

Maria – Meli Torella

Estudante 1 – Catarina Barbosa

Estudante 2 – Andreia Silva

Macaco – Sofia Hora Marques

Cavalo – Diogo Campos

CENA 4

Um Aprendiz – Andreia Silva

Outro – Catarina Barbosa

CENA 5

Sargento – Francisco Pires

Tambor-mor – Diogo Campos

CENA 6

Maria – Sofia Hora Marques

Woyzeck – Filipe Pinto D'Oliveira

CENA 7

Charlatão – Mariana do Ó

Cavalo – Diogo Campos

Sargento – Francisco Pires

Maria – Sofia Hora Marques

Woyzeck – Filipe Pinto D'Oliveira

CENA 8

Capitão – Sofia Hora Marques

Woyzeck – Catarina Barbosa

CENA 9

Maria – Andreia Silva

Woyzeck – Francisco Pires

CENA 10

Maria – Sofia Hora Marques

Tambor-mor – Diogo Campos

CENA 11 e 12

Woyzeck – Francisco Pires

Maria – Mariana do Ó

CENA 13

Doutor – Meli Torella

Woyzeck – Francisco Pires

CENA 14

Capitão – Filipe Pinto D'Oliveira

Doutor – Diogo Campos

Woyzeck – Francisco Pires

CENA 15

André – Andreia Silva

Woyzeck – Sofia Hora Marques

CENA 16

Maria – Catarina Barbosa

Woyzeck – Sofia Hora Marques e Andreia Silva

CENA 17

Woyzeck – Sofia Hora Marques e Andreia Silva

CENA 18

André – Sofia Hora Marques

Woyzeck – Andreia Silva

CENA 19 e 20

Woyzeck – Andreia Silva

André – Sofia Hora Marques

CENA 21

Barbeiro – Mariana do Ó

CENA 22

Woyzeck – Francisco Pires

Tambor-mor – Diogo Campos

Parvo – Filipe D'Oliveira

CENA 23

Woyzeck – Meli Torella

Judeu – Sofia Hora Marques

CENA 24

Maria – Catarina Barbosa

Parvo – Filipe D'Oliveira

CENA 25

André – Francisco Pires

Woyzeck – Diogo Campos

CENA 26

Woyzeck – Mariana do Ó

Doutor – Catarina Barbosa

CENA 27

Avó – Francisco Pires

CENA 28

Woyzeck – Diogo Campos

Maria – Catarina Barbosa

CENA 29

Polícias – Ana Miffon e Sofia Ramos

CENA 30

Catarina – Meli Torella

Woyzeck – Filipe Pinto D'Oliveira

CENA 31 e 32

Woyzeck – Filipe Pinto D'Oliveira





TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística

Diogo Infante

Direção Executiva

Hugo Paulito

Secretariado Direção

Elisabete Duarte

Tesouraria

Telmo Martins

Produção

Andreia Rocha e Maria Cancela

Comunicação

Raquel Guimarães (Coordenadora), **Adriano Filipe**,
Alexandra Gonçalves, **Miguel de Jesus Pereira** (Designer)

Acolhimento de Público

Rita Martins

Núcleo de Cena

Nuno Pereira (Coordenador)

Direção de Cena

Pedro Viegas e Rosário Vale

Iluminação

Bernardo Martins e Hugo Cochat

Som

Rui Santos

Audiovisuais

Antonio Pinto

Palco

Filipe Bastos e Pedro Gonçalves

Bilheteira

Beatriz Reis, Luísa Oliveira

Assistentes de Sala

Ana Rita Moura, Beatriz Costa, Carina Rodrigues, Margarida Rito, Paula Lopes,
Rita Teixeira, Sara Fernandes e Teresa Silva

Manutenção Geral

Vítor Albuquerque

Técnicas de Limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Elsa Fernandes, Fernanda de Jesus**

Acolhimento / Portaria

Carla Aniceto e Ovisegur - Vigilância e Segurança Lda



www.teatrotrindade.inatel.pt